

---

# NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

---

**SCHWEIZER, Eduard:** *El Espíritu Santo* (Bibl. de Estudios Bíblicos 41). Ed. Sígueme, Salamanca 1984. 167 pp., 21x13,5cm. ISBN 84-301-0953-6

O conhecido exegeta protestante suíço, Ed. Sch., apresenta nesta obra uma síntese de teologia bíblica sobre o Espírito Santo (ES) a nível de vulgarização (para o leitor médio europeu). A obra está dividida em cinco capítulos.

O cap. I (9-20) coloca o problema entre uma concepção que institucionaliza o ES, seja atribuindo-o primeiramente à hierarquia (católicos), seja reconhecendo-o garantido apenas pela Escritura (protestantes), e uma concepção interiorizante que vê o ES só no carisma livre e inesperado ("entusiastas" de todos os tipos). Procurar saber o que há de razão nisso, ou seja "Que é o ES?" (título do cap.), é a finalidade da obra.

Para tanto, os três cap. seguintes percorrem o AT (cap. II: 21-42), o judaísmo intertestamentário (cap. III: 43-64) e o NT (cap. IV: 65-150), analisando sempre quatro pontos: o ES como o estranho que escapa ao controle do homem, o ES na criação, o ES como origem do conhecimento (de Deus) e o ES na plenitude futura. Em cada cap. volta uma e outra vez um ponto ou subponto com a pergunta criadora de síntese: "que significa isso?" Evidentemente o cap. mais importante é o referente ao NT, para o qual os anteriores convergem.

O cap. V (151-163) retoma tudo, perguntando "Que é, portanto, o ES?" e sintetizando a resposta em "notas distintivas do ES". O ES nos faz estar abertos a Jesus. É aquele sobre o qual, como sobre Deus, não podemos dispor. Por isso mesmo, quer venha espetacularmente, quer discretamente, dá uma imensa liberdade que consiste em não construirmos nossa existência sobre a "carne" (i.é, com base em nossas obras, produtividade e eficácia), mas fundados no Espírito (em Deus). A liberdade só tem limites no amor ao outro. O ES abre para a comunidade na sua diversidade de dons e para o mundo pagão. "Assim o *Espírito é o inimigo de todo conformismo*, camufle-se de maneira mundana ou espiritual, mas também *o inimigo de uma interpretação do Espírito puramente dinâmica*, em que o homem do Espírito se considera a si mesmo tão importante que se fazem impossíveis a ordenação e a instituição" (158, grifos do A.). A presença do ES torna o homem flexível para revisar seus pontos de vista e aberto ao novo. O ES não permite que a palavra se tome letra e ao mesmo tempo a palavra evita que o ES seja uma força difusa e indeterminada. O ES está estreitamente ligado à oração. "*Orar é uma atitude de vida, um abrir-se a Deus...*" (161, grifo do A.) que nos obriga a despojar-nos e estar abertos ao futuro.

---

O livro é uma boa introdução à pneumatologia bíblica. Poder-se-iam, no entanto, apontar alguns senões. Ao tratar do nascimento virginal (74-76), o A. afirma que “o nascimento virginal, segundo a concepção de então, era certamente algo extraordinário, mas não algo único...” (75) e menciona “paralelos” egípcios e gregos que uma crítica imparcial não poderia admitir como paralelos. Nesse mesmo contexto, refere-se à doutrina católica da imaculada concepção de Maria de uma forma que não corresponde ao sentido que lhe dá a Teologia católica. Ao apresentar a relação do ES com a plenitude futura, defende a teoria – comum em autores protestantes – da morte total (“Ganztod”), isto é, o homem morre totalmente (não se admite a imortalidade da alma) e é ressuscitado em todo seu ser pela força de Deus.

O livro é muito didático e claro: sua linguagem é bem acessível; seu esquema, transparente.

F.T.

---

**MICHAUD, Robert:** *Os Patriarcas. Gênesis 12-36* (Col. “Pequeno Comentário Bíblico – AT”). Tradução do francês Benôni Lemos; revisão Andréa Maria de C. Aguiar. Ed. Paulinas, São Paulo 1985. 189 pp., 20x12cm.

ISBN 85-05-00267-9

O livro está dividido em três partes. A primeira parte (“História” 15-74) refere-se à vida das famílias-clãs dos ancestrais de Israel na terra de Canaã (1850-1300 aC), na época da formação e transmissão das tradições orais. Subdivide-se em seis capítulos. – No primeiro descreve-se Canaã no momento das invasões semíticas, seu contato com os deuses e mitos de origem cananéia, através dos santuários. – No cap. II, vê-se como os clãs patriarcais se apropriam desses mitos de origem, do Deus El, mas com a grande novidade de verem a origem de sua história não em deuses míticos, mas em fatos históricos realizados por homens de seu povo com nomes conhecidos como Abraão, Isaac e Jacó que tinham a promessa de descendência numerosa e da posse da terra. – Os cap. seguintes tratam dos patriarcas: Jacó (III), Israel (IV), Isaac (V) e Abraão (VI). Localiza-se a tradição de cada clã e se vê como pouco a pouco se foram confundindo uns com os outros, dando lugar à genealogia conhecida por todos na formação do povo de Israel.

A segunda parte (“Teologia” 75-159) está dividida em três capítulos, cada um deles dedicado a uma das escolas teológicas que reinterpretaram a história dos Patriarcas. – O cap. I analisa o Javista (J) que escreve por volta do séc. X aC, no tempo da dinastia davídica. Dá mais importância às tradições patriarcais do sul (Abraão e Isaac) e as interpreta em perspectiva universalista (cf. Gn 12, 1-3: Abraão, fonte de bênção para todas as nações). – O cap. II trata do Eloísta (E). Escreve por volta do séc. VIII aC, no Reino do Norte. Passaram-se dois séculos desde o escrito javista e a situação política e religiosa é outra (dois reinos, cisma religioso). Desde esse contexto o teólogo reinterpreta a história dos Patriarcas. Em contraste com o

---

Javista apresenta um Deus mais nacional que universal. Para o Eloísta o rei do povo escolhido é Deus mesmo; as exigências da moral são como leis impostas por um rei a seus súditos; os patriarcas aparecem como intermediários entre Deus e o povo e exemplos de fidelidade ao Deus da Aliança. Trata-se de resistir à corrupção dos costumes, à decadência da religião javista e à popularidade dos cultos cananeus da fertilidade. — O cap. III analisa a escola sacerdotal (P). O povo de Israel se encontra no exílio, sem templo, sem terra e sem estado. A pergunta fundamental é: como permanecer fiéis ao Deus dos ancestrais? O teólogo quer recordar a seu povo vencido e exilado que a vida não vem de Marduc (deus babilônio) nem de Baal (deus cananeu), mas da palavra todo-poderosa de Deus (cf. Gn 1, 28; 17, 2-6; 17, 16; 17-20; 28, 3-4; 35, 11).

A terceira parte ("As narrações patriarcais e nós, hoje", escrita por Antônio Bonora: 161-177) vê em primeiro lugar como os Patriarcas são relidos por Sr (Eclo), Sb e Hb, e procura dar pistas de atualização. As narrações dos Patriarcas conservam atualidade pela maneira concreta e viva com que se apresenta a nós a irrupção de Deus na história humana.

Juan Alarco Tosoni S.J.

---

**BECKHÄUSER, OFM., Frei Alberto:** *Celebrar a vida cristã, Formação Litúrgica para Agentes de Pastoral, Equipes de Liturgia e Grupos de Reflexão.* Editora Vozes, Petrópolis 1984, 292 p., 21x14cm.

Trata-se de um pequeno curso de liturgia, desenvolvido de forma simples e didática. A estrutura é sistemática. Após um capítulo sobre a Compreensão Teológica da Liturgia, segue o tratado da Iniciação cristã com os sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia (este mais desenvolvido num capítulo à parte). Após tratar os outros sacramentos seguem capítulos sobre o Domingo, o Ano Litúrgico, a Liturgia das Horas, a Morte do Cristão, a Profissão Religiosa, as Bênçãos, Peregrinações e Santuários e Arte Litúrgica.

O livro poderá ser muito útil, como indica o subtítulo para cursos de liturgia a agentes de pastoral, como livro-base. O assunto é tratado de maneira completa, embora sintética, atualizada e clara. O índice analítico ajudará a quem quiser usá-lo como livro de consulta.

R. G.

---

**VALENTINI NETO, Pe. Antônio:** *Liturgia: fonte vital da comunidade,* Editora Vozes, Petrópolis 1985, 159 p., 21x14cm.

Um livro muito simples, "fruto do estudo, da reflexão e da experiência pastoral do autor, que poderá ajudar o povo cristão a compreender melhor a liturgia da Igreja, para uma participação consciente, ativa e frutuosa na mesma. Os temas trata-

---

dos são: conceituação da liturgia, breve história da liturgia, o domingo, o ano litúrgico, a assembléia, a oração, a celebração da assembléia cristã (eucaristia e celebração dominical da Palavra) e as bênçãos. É estranho que, com exceção da eucaristia, não se trate dos sacramentos, que são o coração da liturgia. O estilo é claro e preciso, tomando o livro de fácil leitura, e certamente ajudará os animadores de comunidades a dinamizar a vida litúrgica.

R. G.

---

**MAGRASSI, Mariano:** *Viver a Palavra*. Edições Paulinas, São Paulo 1984 247 p., 20x13cm.

O livro, traduzido do italiano, é uma coletânea de artigos do autor beneditino, anteriormente publicados em diversas revistas de liturgia e espiritualidade. Todos eles em torno da temática da escuta e assimilação da Palavra de Deus. A maior parte deles se centram na Palavra proclamada e interpretada na liturgia, mas para isso o autor procura na tradição litúrgica, no rico universo dos escritos dos Santos Padres e na *lectio* divina monacal os princípios inspiradores de uma leitura da Escritura que, sem contradizer os resultados de uma correta exegese, chegue a uma leitura "espiritual", explorando sobretudo os veios da tipologia, que tem sua origem na mesma Escritura e perpassam toda a história cristã da leitura da Bíblia. Trata-se de um estudo sério, exegético e teologicamente fundamentado e documentado, encaminhado ao enriquecimento espiritual do leitor, através de uma compreensão maior do que significa realmente viver da Palavra de Deus. Sem isto todo o esforço por uma renovação da liturgia ficará na superfície, no ritualismo ou no espetáculo, sem chegar ao encontro vivo e íntimo com um Deus que não cessa de dialogar com o seu Povo. A leitura destas páginas será sumamente proveitosa tanto aos pastores que nela encontrarão inspiração para o enriquecimento da sua ação litúrgica e pastoral, como para os cristãos que queiram aprofundar sua vida espiritual, voltando-se para a matriz de toda vida cristã a Palavra de Deus, "estudada sim, mas sobretudo amada: *sola delectati dulcedine Verbi Divini*".

R. G.

---

**AA. VV:** *Puebla: el hecho histórico y la significación teológica* (Col. Materiales, 20). Ed. Sígueme, Salamanca 1981, 359 pp., 21x13,5cm.

Esta obra é o resultado de um seminário sobre o tema "Puebla 79: o fato histórico e a significação teológica" programado pela Escola asturiana de estudos hispânicos, instituição vinculada à universidade de Oviedo. Concebida desde o início como um diálogo interdisciplinar, está dividida em três partes muitas claras: em pri-  
132

meiro lugar, uma leitura comentada e plural do texto mesmo de Puebla, que não ignorasse o pluralismo presente na gênese do documento e que respeitasse a conhecida diversidade de opções teológicas. A escolha de Monsenhor Quarracino (então secretário geral do CELAM) e do Pe. Mateo Perdía (então presidente da CLAR) para as duas primeiras intervenções pretendia recolher a interpretação dos representantes de duas instituições que tiveram um papel decisivo. Elas são completadas pelas leituras de dois teólogos latino-americanos: L. Boff e H. Alessandri. A segunda parte ou perspectiva é uma leitura de Puebla feita por teólogos europeus: projeção de Puebla para outras Igrejas e para o futuro da Igreja. Finalmente, numa terceira parte, o texto é submetido à prova de um diálogo interdisciplinar, para verificar a sua significação a partir de óticas não teológicas (sócio-jurídicas, econômicas e técnico-científicas) que também têm uma palavra a dizer sobre a mesma realidade latino-americana. Conjunto rico e diversificado de materiais para a história e a interpretação de Puebla.

C. P.

---

**DANIELI, G.:** *Mateus* (Col. Pequeno comentário bíblico), Ed. Paulinas, São Paulo 1983, 142 pp., 20x12cm.

As Edições Paulinas estão traduzindo a coleção "Pequeno Comentário Bíblico", do AT e do NT, publicada na Itália pelas edições Queriniana. O presente volume não é propriamente um comentário nem uma análise da Teologia de Mateus mas uma introdução a uma primeira leitura. Dirige-se primordialmente a todos aqueles cristãos que, possuindo já um certo conhecimento da fé, desejam aprofundá-la mais para não se sentirem desorientados diante das constantes novidades da exegese.

Num primeiro capítulo o A. situa o evangelho de Mateus na origem do cristianismo e na evolução da pregação cristã primitiva. A seguir apresenta o que poderíamos chamar uma estrutura geral do primeiro evangelho (Primeira leitura de Mateus), para desenvolver depois o aspecto teológico, eclesiológico e cristológico do evangelho de Mateus (cap. 3 e 4). No último capítulo o A. estuda a questão da origem do primeiro evangelho, a comunidade à qual é dirigido e o problema do autor. Um livrinho de leitura fácil para quem deseja descobrir o horizonte, a organização e as linhas mestras do primeiro evangelho.

C. P.

---

**KIRST, Nelson - MALSCHITZKY, Harald - SCHWANTES, Milton (coord.):** *Proclamar libertação. Auxílios homiléticos*. Vol. X. Ed. Sinodal, São Leopoldo 1984. 493 pp., 21,5x15cm.

Este é o 10º volume de uma série de "auxílios homiléticos" editados pela Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB),

---

São Leopoldo, RS. O livro consta de duas partes.

A primeira parte (9-135) é a chamada "série alternativa", impressa em páginas amarelas. Em vez de comentar a série oficial de perícopes para os domingos, apresenta um tema para cada mês. Os temas estão marcados por uma preocupação social, acentuando a incidência da fé cristã sobre os problemas da atualidade (p. ex.: lutas populares, mulher, índio, negro, férias, colono, posto de saúde etc.). De cada vez o tema é, de início, brevemente explicado. É então indicado um texto bíblico para a prédica, logo a seguir analisado exegeticamente e posto em conexão com o tema atual. Esta primeira parte tem o sugestivo título "Quer seja oportuno, quer não" (cf. 2 Tm 4, 2).

A segunda parte (137-479) traz subsídios para a pregação seguindo a sétima série oficial de perícopes propostas pela IECLB para o ano litúrgico. Os subsídios estão distribuídos segundo o ano litúrgico adotado por essa Igreja. Três elementos não faltam, em geral, nesses subsídios: uma exegese do texto proposto, sugestões para meditação, indicações para a prédica. Além disso, como na primeira parte, sempre são dados subsídios litúrgicos e breve bibliografia.

A obra é valiosa. Denota abertura ecumênica (basta ver a bibliografia, onde os autores católicos são tão citados quanto os evangélicos). Poderá em geral ser usada com proveito também por pregadores católicos, embora a ordem diferente das perícopes vá dificultar seu uso.

Entre os colaboradores estão alguns dos mais significativos teólogos luteranos do Brasil, como Milton Schwantes, Nelson Kirst, Gottfried Brakemeier, Martin N. Dreher.

F. T.

---

**CARAVIAS, José Luís:** *Cristo é esperança*. Trad. do espanhol Luiz João Gaio; revisão Silvana Cobucci. Ed. Loyola, S. Paulo 1985. 199 pp., 20,5x14 cm.

O mais importante no trabalho do autor são as próprias citações bíblicas, buscando o contato direto com a fonte, de modo que o leitor possa conhecer cada vez mais a pessoa de Jesus Cristo e sua missão.

Ao lado dos diversos textos bíblicos (Sinóticos, João e cartas paulinas) o autor faz reflexões que devem ser meditadas e rezadas, na busca de entender a missão divino-humana de Jesus Cristo. Jesus, o Cristo, serve a Deus servindo aos homens. "Mas embora sua doutrina nasça da realidade concreta da vida humana, ao mesmo tempo, abre um horizonte infinito de novas perspectivas e novos valores humanos, como metas a conseguir ao longo da história, e além da história" (26).

Em sete capítulos, o A. faz o leitor acompanhar, a partir da encarnação, o que Jesus realizou e como Ele é a realização da Boa Nova para a humanidade.

Sem dúvida, é um livro fácil e inteligente para entender melhor o dom da vi-

---

da em Jesus Cristo e a realidade da Igreja ao assumir a mesma missão de Jesus. Descobrimos que Deus renova o dom da vida por meio da presença restauradora do Cristo encarnado, desse Jesus de Nazaré no qual se explicitam a redenção e a esperança que dão sentido à vida, mesmo diante do sofrimento, da dor e da morte. Por isto: "Cristo é esperança".

João Oliveira Souza S.J.

---

**CHASE, Alfonso (selección, prólogo y notas):** *Las armas de la luz. Antología de la poesía contemporánea de la América Central.* Ed. DEI, San José (Costa Rica) 1985. 539 pp., 21x13,5cm.

Esta antologia contém poesias de 15 poetas contemporâneos da Guatemala, 18 de El Salvador, 14 de Honduras, 32 da Nicarágua, 22 de Costa Rica, 17 do Panamá, além de seis textos em prosa como anexo. Ao todo 393 textos. Abre, pois, um razoável panorama sobre a produção poética centro-americana tão pouco conhecida entre nós. O leitor médio que folhasse o livro, certamente só encontraria como nome conhecido, o de Ernesto Cardenal, o monge-poeta que tem seus Salmos traduzidos ao português. E mais que isso é conhecido pelo noticiário dos jornais por sua função de Ministro da Cultura que lhe cria conflitos com o Vaticano.

O desconhecimento da poesia centro-americana é uma lacuna entre nós. Inclusive para compreendermos melhor a situação daqueles países, pois "as lutas sociais, como tema da poesia centro-americana, são uma constante na obra dos autores mais representativos, não como pretexto literário, mas como testemunho humano, como voz coletiva, como palavra daqueles que ainda não a têm" (Alfonso Chase, *Prólogo*, p. 5). Daqui deriva o título da antologia: "As armas da luz". Deixemos que o poeta costa-riquenho Jorge Debravo nos explique num texto em prosa de 1966: "A poesia é uma arma. Estou disposto a usá-la na luta pela justiça, a fraternidade e o amor. Se não a usasse, melhor seria suicidar-me. (...) Não creio na poesia pela poesia, creio na poesia pelo homem. Detesto a poesia sem mensagem e sem conteúdos humanos. Leio-a e não me nutre. É como se quisesse alimentar-me com pedras pulverizadas. Amo a poesia que faz sentir vivo e a meu lado o sangue de meus semelhantes. (...) Tomei partido. Na luta que se livra entre os detentores do poder e da riqueza e os despossuídos, tomei o partido dos despossuídos. Todos os homens somos irmãos. Amo, por isso, a todos os homens. Mas compreendo que a alguns será preciso obrigá-los a comportar-se como irmãos. Porque há homens que ainda não são humanos. Devemos ensiná-los a ser. E exigir-lhes que o sejam. Sempre a poesia esteve unida às lutas sociais, religiosas, políticas e econômicas; a estória da poesia não comprometida, inventaram-na e a mantém os interessados em que não se comprometa" (p. 518).

A publicação dessa antologia numa editora de obras teológicas e sua resenha numa revista teológica se explicam, porque Deus é uma presença constante e central

---

nesses poetas que também assim refletem a alma de seus povos. Uma presença concreta, “ainda que seja para imprecisar seu silêncio ou para sentir, com plena consciência, uma presença não instrumental, senão vivencial e terrível, longínquo e próximo, conforme a circunstância” (Prólogo, p. 5).

F. T.

---

**ALVES, Rubem:** *A menina e o pássaro encantado*. Ilustrações de Bianca. Ed. Loyola, São Paulo 1985. 28 pp., 22,7x16,2cm.

Rubem Alves, teólogo evangélico de projeção internacional, surpreende-nos com a publicação deste livro de estórias infantis. Ninguém ignora que livros infantis são coisas extremamente sérias (às vezes tristemente sérias). Eles formam a mentalidade infantil, introjetam em figuras aparentemente inocentes toda uma visão de mundo em seus pequenos leitores. Há mesmo aqueles que, por isso, se tornam clássicos como literatura para adultos: *O Pequeno Príncipe*, *O menino do dedo verde...* Este poderia, quem sabe, seguir o mesmo caminho.

Um prólogo “para o adulto que for ler esta estória para uma criança” resume bem a tese: “Alguns chegam a pensar em trancar em gaiolas aqueles a quem amam”. Na verdade, não sabem o que é amor. E o A. justifica o gênero literário: “Para quê essa estória?... É que elas têm o poder de transfigurar o cotidiano. Elas chamam as angústias pelos seus nomes e dizem o medo em canções. Com isto angústias e medos ficam mais mansos. Claro que são para crianças. Especialmente aquelas que moram dentro de nós, e têm medo da solidão...”

O leitor seja remetido à nota bibliográfica de J. B. L. no penúltimo número de *PerspTeol* 17 (1985) 227-278. Relendo-a ou lendo o livro lá apresentado, talvez o leitor entenda melhor porque um teólogo desse porte se dedique também a escrever estórias. Literatura infantil é muito sério para ser escrita por qualquer um.

F. T.

---

**BRANDÃO, Carlos Rodrigues:** *Memória do Sagrado. Estudos de religião e ritual* (Col. “Estudos e debates latino-americanos” 13). Ed. Paulinas, São Paulo 1985. 265 pp., 23x16cm.

A transformação de um campo religioso, relativamente homogêneo, num campo marcado por uma multiplicidade de denominações que crescem e se diversificam, continuamente, tem-se constituído nos últimos anos em objeto de atenção privilegiado dos estudiosos dos fenômenos religiosos entre nós. De que forma e em razão de que isto vem acontecendo? Como explicar tamanha efervescência no momento em que a sociedade mais se seculariza? O que revela sobre o sagrado nas suas

---

relações com a sociedade?

Igual interesse têm despertado também os conflitos, dentro da Igreja Católica, entre setores tradicionais e setores progressistas, assim como as relações entre estes e o catolicismo popular. Se a valorização das coisas do povo é essencial ao trabalho que pretendem realizar, como fazer isto sem perder a hegemonia? Tais preocupações têm sido traduzidas num grande esforço de análise que vem sendo concretizado através de uma já extensa bibliografia, em que diferentes facetas destas questões têm sido contempladas.

Para estes resultados muito já tem contribuído Carlos Rodrigues Brandão, através de inúmeros e valiosos trabalhos. Alguns destes, dispersos em periódicos especializados, são agora reunidos nesta publicação. Como sempre, de par com a qualidade indiscutível das suas análises, ressalta a riqueza do material em que as mesmas se apoiam e a empatia profunda do pesquisador com o tema e os sujeitos pesquisados.

Escritos em diferentes momentos, os cinco trabalhos aqui enfeixados obedecem a uma seqüência. Partindo do processo de diversificação do campo religioso (originalmente católico), que analisa em contextos diversos, o A. detém-se, a seguir, no universo católico popular. Focalizando três de suas festas mais tradicionais, discute na primeira aspectos das relações entre o catolicismo popular e o institucional; na segunda, mediações de classe no interior da festa e, finalmente, as discussões étnicas, hoje praticamente perdidas, entre os participantes da festa e a sociedade inclusiva.

O material de pesquisa vem de São Paulo, Minas e Goiás, mas a sua pertinência extrapola esta vinculação regional, em função não apenas do profundo conhecimento da temática da cultura popular, mas também da abrangência das análises.

Josildete Consorte

---

AA. VV.: *Comunión y participación. Introducción a la enseñanza social de la Iglesia* [Centro de Investigación y Orientación Social]. Editorial Guadalupe, Buenos Aires 1982. 462 pp., 22x15cm.

Este vasto volume, que traz o *Nihil obstat* da autoridade eclesiástica, se divide em quatro partes com um total de 21 capítulos. 1ª parte: Introdução. Os sinais dos tempos. 2ª parte: Sem título geral. Trata das doutrinas sociais, do liberalismo capitalista, marxismo, socialismo, ensinamento social da Igreja. 3ª parte: Problemas relevantes na construção da civilização do amor. Em destaque: cap. 13 (A dignidade humana) e cap. 15 (A dignidade do trabalho). 4ª parte: Rumo a uma Nova Sociedade. A destacar: cap. 19 (O Povo de Deus, construtor do mundo); cap. 20 (A cultura)

---

e cap. 21 (Eixos pastorais para a construção da civilização do amor), onde se destaca, p. ex., o papel da família e da juventude, da mulher. Como se vê, a obra é abrangente e vasta e em parte repetitiva. No princípio dá uma lista de fontes documentais e outra, bem ampla, de bibliografia geral; mas faltam índices analíticos e de textos citados.

O *objetivo básico* é introduzir ao ensinamento social da Igreja, como ele vem definido na *Octogesima Adveniens* de Paulo VI [nº 4] e no *Documento de Puebla* [nº 472], levando em conta sobretudo a situação na Argentina e na América do Sul (29-30).

Não tendo competência para apreciar os méritos deste volume em seu conjunto, contento-me em apresentar o cap. 11 (2ª parte): O ensino social da Igreja: Fundamentos bíblico-patristicos e documentos do Magistério Social (241-248). 11.1 *Idéias fundamentais do AT* – A mensagem profética: citam-se os profetas Is, Am, Mq, Jr e ainda o Dt. Todos insistem na *justiça* para com os outros e especialmente com os pobres, órfãos e viúvas. Mas há erros de cronologia: Isaías não profetizou nos tempos de Jeroboão II (782/1 até 753), mas apenas de 740 em diante. Amós não profetizou no tempo de Isaías, mas muito antes pelo ano de 760 a.C.. – *NT*: Cristo insiste na caridade e acentua os perigos graves das riquezas, mas também o seu uso correto. A parábola significativa do rico epulão e do pobre Lázaro se encontra em Lc 16, e não 6. Cita-se também a advertência muito severa aos ricos em Tg 5, 1-5. Como se vê, isto é muito pouco; outros profetas se poderiam citar, outros escritos do NT se poderiam aduzir, p.e., os que se ocupam da escravidão.

Para concluir: Temos aqui uma obra muito ampla sobre a doutrina social da Igreja; ela interessa a todos os que aqui na América do Sul lutam pela promoção da justiça social.

J. Balduino Kipper S.J.

---

**MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS:** *Como organizar uma Semana Vocacional* (Col. "Cadernos Vocacionais" 11). Ed. Loyola, São Paulo 1984. 102 pp., 20,7x14cm.

A Semana Vocacional pretende ser um tempo forte de Evangelização, através de uma ampla e profunda conscientização vocacional, em suas diversas dimensões. Quer levar a comunidade a formar um grupo de apoio e orientação vocacional.

Como estratégias propõem-se: que seja precedida por uma "Novena Vocacional" em núcleos de famílias que se reúnem para oração, reflexão da Palavra de Deus, troca de experiências e reflexão sobre o tema vocacional; que a semana de evangelização possua um programa de atividades como: concentração do povo, encontros de grupos específicos, celebrações litúrgico-vivenciais, jograis, caminhadas e outras; operacionalizar algumas iniciativas de apoio vocacional dentro da comunidade; etc.

---

Esta Semana Vocacional é organizada nos seguintes passos: como prepará-la; temários para pregações e celebrações; palestras para as diferentes idades; algumas orientações práticas.

Miguel A. Schroeder S.J.

---

**O'MALLEY, William J.:** *A voz do sangue. Cinco mártires cristãos do nosso tempo.* Trad. do inglês por Octávio Mendes Cajado. Ed. Loyola, São Paulo 1984. 235 pp., 20,5x14cm.

Este livro narra o martírio e a vida de cinco jesuítas: Pe. Rutilio Grande (El Salvador) (11-84), Ir. John Conway, Pes. Martin Thomas e Christopher Shepherd-Smith (Zimbábue, antiga Rodésia) (85-156), Pe. João Bosco Penido Burnier (Brasil) (157-236). O martírio deles todos está intimamente relacionado com a situação política e social dos países em que foram mortos. O A. descreve, num estilo leve, a trajetória de cada uma das vítimas e a situação social, econômica e política do respectivo país. Logra fazê-lo de forma muito amena e agradável. Entretanto há dois senões. Um por conta do autor, outro do tradutor. O autor descreve com soberana fluência a situação dos países em questão. Fá-lo-á também com fidelidade histórica? Como um dos países é o Brasil, torna-se relativamente fácil verificar, sem grandes pesquisas, a fidelidade do retrato. O recenseador encontrou inexatidões de maior ou menor importâncias nos seguintes trechos: pp. 161, 168, 169, 173, 177, 178, 184, 185, 192, 201, 204, 215, 225. Isso dá certa insegurança ao leitor, quando recorda como o autor falara com a mesma soberania das situações de El Salvador e do Zimbábue. — O senão por parte do tradutor está em várias características da tradução: o uso de palavras pouco usuais no Brasil, a tradução literária de expressões americanas (vale a pena citar o uso de "Sociedade de Jesus" [inglês: Society of Jesus] em vez de Companhia de Jesus — ocorre nada menos de 25 vezes!), o uso inadequado de muitas palavras, o não-adaptar medidas de distâncias americanas para as correspondentes brasileiras, a conservação de comparações necessárias e esclarecedoras para o leitor americano, mas não para o brasileiro. Etc. Entretanto, apesar dos senões da tradução — problema crônico nas traduções publicadas no Brasil — o livro pode ser lido com interesse e até com paixão.

F. T.

---

---

**RIZZARDO, Redovino:** *Carlos Borromeu* (Col. "Santos de ontem e de hoje" 2). Revisão por Marlene P. Crespo. Ed. Paulinas, São Paulo 1984. 187 pp., 21x14cm.

Escrever uma boa biografia não é trabalho simples e fácil. Pelo contrário. Principalmente quando se trata de uma biografia breve que quer ser acessível a amplo público. O grande perigo é cair no meramente factual, não conseguindo uma interpretação dos fatos nem estabelecer a conexão entre eles. Esse é o pecado desta biografia da grande figura de santo da Contra-Reforma: Carlos Borromeu. O leitor gostaria de entender melhor, p. ex., a conversão do santo. Em vão. Várias vezes é mencionada a importância da morte do irmão de Carlos, mas como e de dentro de que contexto essa morte atuou transformadora sobre o nosso santo, não se chega a saber. Nem mesmo o que significa "conversão" no caso, já que no período anterior parece existir tanta virtude, como no posterior não se deixam de vislumbrar "pecados". — O autor tem a louvável preocupação de situar historicamente seu personagem. Entretanto, há atitudes do biografado que ficam obscuras e parecem estranhas por não terem sido melhor situadas na época. — Também a personalidade de Borromeu não fica suficientemente patente. Acentua-se na juventude ser tímido e introvertido, mas suas atitudes como arcebispo de Milão não parecem muito próprias de um tímido. Pertence também isto a sua conversão? — Arte difícil a de biógrafo, sem dúvida. E o recenseador não julga possuí-la.

A correção deixou escapar coisas singulares, como à p. 150 "suplicava" em vez de "supliciava"; p. 125, "surpresa" em vez de "supressa". Às vezes parece cochilo do autor e/ou da revisora. Assim à p. 164: "a estupidez era proporcional à *proso-popéia*". O autor terá querido significar "prosápia". Há às vezes uma preocupação por ser atual (demasiado apressadamente atual), como nas repetidas reflexões sobre conversão social ou das estruturas.

F. T.

---